

# Blanchot: traduzir a des-obra (*désœuvrement*)

CAROLINA VILLADA CASTRO \*

**RESUMO:** Este artigo apresenta a tradução para o português de uma seleção de fragmentos de *L'attente l'oubli* (1962), de Maurice Blanchot. Ofereço um exercício de tradução acompanhado de uma análise conceitual. Isso, a fim de propor, a partir dos trabalhos de Blanchot, a fascinação da des-obra (*désœuvrement*) como po(é)tica da tradução.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desobramento; *L'attente l'oubli*; Maurice Blanchot;. Poética; Tradução.

**ABSTRACT:** This article presents a translation exercise into Portuguese of a fragment selection of *L'attente l'oubli* (1962) by Maurice Blanchot. I offer a translation exercise with a conceptual analysis. Departing from Blanchot's work, the aim of this paper is to indicate the fascination of "worklessness" (*désœuvrement*) as poetics of translation.

**KEYWORDS:** *L'attente l'oubli*; Maurice Blanchot; Poetics; Translation; Worklessness.

---

\* Mestre em Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC - 88036-020 - Florianópolis – Santa Catarina - Brasil. E-mail: carolina.villadacastro@gmail.com

Tal seria então minha tarefa: responder a esta palavra  
que ultrapassa meu entendimento, responder sem tê-la  
realmente ouvido e responder repetindo-a, fazendo-a falar [...]  
Nomear o possível, responder ao impossível.

*A conversa Infinita* – Maurice Blanchot

*L'attente l'oubli* (1962) é uma das últimas ficções de Maurice Blanchot, de grande força poética e filosófica, a qual encena uma conversa de murmúrios espectrais, entre os quais proliferam imagens múltiplas em desdobramento: a conversa entre um homem e uma mulher, a relação entre escritor e escrita, os forcejos entre linguagem e pensamento, o movimento oscilador entre espera e esquecimento. Voragem poética que não apenas constitui uma expressão vigorosa da escrita experimental contemporânea, mas também um texto onde se interpela a possibilidade e singularidade da linguagem poética que vibra no desdobramento incessante das imagens e no ecoar infinito dos murmúrios que ali falam.

Não em vão, a potência poética de *L'attente l'oubli* instigou diversos escritores e pensadores contemporâneos. Em *La pensée du dehors*, Foucault (2001, p. 553) indicava a importância desta ficção a partir do modo como, no meio do fluxo poético, se problematiza a possibilidade mesma da linguagem poética. Paralelamente, no texto *Sur Blanchot*, Levinas (1976, p. 40) pondera a força de ruptura de sua “linguagem descontínua” onde se aproximam e se apagam os limites entre pensamento e ficção. E, nesse mesmo sentido, em *La Voix et le Phénomène*, Derrida (1998, p. 75-77) deixa ecoar os murmúrios desta ficção no seu conceito de “différance”, esse movimento de disseminação da diferença na linguagem que murmura entre as linhas e fragmentos de *L'attente l'oubli*.

Eis, nesse movimento de desdobramento, descontinuidade, ruptura e diferença que percorre a linguagem poética e que chega a seu limite em *L'attente l'oubli*, o que referimos como “desobramento” (*désœuvrement*), termo que Blanchot usava desde textos como *L'espace littéraire* (1955), *L'entretien infini* (1969) ou *L'écriture du désastre* (1980) para referir a linguagem e escrita literária, seu caráter removedor de quaisquer ordem discursiva, ser, verdade ou poder. Deste modo, nosso objetivo consiste em tentar assinalar o movimento “desobrador” que se passa da ficção à tradução literária dos fragmentos selecionados de *L'attente l'oubli*, permitindo-nos arriscar, nesse artigo, a fascinação da escuta dessa *desobra* como poética de tradução. Além do mais, possibilitar a leitura de alguns fragmentos de *L'attente l'oubli*, já que esta ficção ainda não foi traduzida ao português.

## **Blanchot: pensamento da tradução**

Embora Blanchot não tenha sido um teórico da tradução, podemos, contudo, consultar seus breves textos dedicados à tradução literária em *La part du feu* (1949) e *L'Amitié* (1971). Neles, Blanchot aponta importantes perspectivas para a tradução: em primeiro lugar, a afirmação da diferença das línguas e do traduzir como um ato de desdobramento do diferir do texto literário:

[o] tradutor é um escritor de uma singular originalidade, precisamente lá onde ele parece não reivindicar nenhuma. Ele é o mestre secreto da diferença das línguas, não para aboli-la, mas para utilizá-la, a fim de despertar, na sua língua, pelas mudanças violentas ou sutis que ele lhe traz, uma presença do que há de diferente, originalmente, no original (BLANCHOT, 1917, p. 71-72 – colchetes nossos).

Paralelamente, a necessidade da tradução, como indica-nos Almeida Filho, responde à “potência tradutória criadora de porvires; a abertura de um hiato – em termos blanchotianos, de um *écart* – entre as línguas envolvidas no traduzir” (ALMEIDA FILHO, 2013, p. 22) e, mesmo, a um exercício de escrita literária. Assim, esta afirmação da diferença enquanto jogo da tradução, instiga uma série de possibilidades tanto poéticas quanto éticas: a tradução implica um exercício de alteração, isto é, de variação das línguas. O que se afirma é a descontinuidade permanente entre elas, ou, como destaca Almeida Filho, a “irreconciliabilidade – a não-complementaridade – antibabélica do traduzirnos” (ALMEIDA FILHO, 2013, p. 22). A tradução concerne, então, àquele excesso das línguas onde reverberam o anonimato e a multiplicidade da linguagem: “a linguagem é o acordo do movimento de esconder e desviar, ela vela por ele, preserva-o, perde-se e confirma-se nele” (BLANCHOT, 2001, p. 59). Isso, de tal modo que, ao desdobrar a diferença, a tradução torna a obra sempre outra, nas palavras de Blanchot:

A tradução não está predestinada em absoluto a fazer desaparecer a diferença, da qual é, ao contrário, o jogo: sempre ela faz alusão a ela, dissimula-a, mas, às vezes revelando-a e com frequência acentuando-a, ela é a vida mesma dessa diferença, encontra nela seu dever augusto, sua fascinação também” (BLANCHOT, 1960, p. 476- 477)<sup>1</sup>.

Diferir e diferença da obra devido ao diferir e à diferença das línguas em tradução, expondo a força transgressora e criativa da linguagem literária. Justamente esse “entre” línguas indica a paragem sempre provisória do tradutor:

ele passa a se sentir sem morada em sua própria língua, a perceber que a tradução não pode abrigar os lugares comuns, os já ditos, o que, por conseguinte, numa busca, o força, o impele a criar, a recriar, a vasculhar o lugar da diferença na diferença do lugar tanto estrangeiro quanto familiar (ALMEIDA FILHO, 2013, p. 24).

A tarefa ética do tradutor é, portanto, responder à alteridade da obra, isto é, responder ao excesso de linguagem que murmura “entre” as línguas e produz seus devires: “a tradução está ligada a esse devir, ela o traduz e ela o produz, ela só é possível por esse movimento e essa

---

<sup>1</sup> No original: “La traduction n’est nullement destinée à faire disparaître la différence dont elle est au contraire le jeu: constamment elle y fait allusion, elle la dissimule, mais parfois en révélant et souvent en l’accentuant, elle est la vie même de cette différence, elle y trouve son devoir auguste, sa fascination aussi” (BLANCHOT, 1960, p. 476- 477).

vida que toma” (BLANCHOT, 1960, p. 477)<sup>2</sup>. O tradutor escreve a partir deste interstício da linguagem, compõe uma variação no intervalo das línguas e propaga assim o diferir da diferença da obra, desdobrando seus virtuais.

Assim, na tentativa de continuar o palimpsesto (BARRENTO, 2013, p. 14) que compõe as traduções e textos de Blanchot, apresentamos a seguir nosso exercício de tradução para o português de uma seleção de fragmentos de sua ficção *L'attente l'oubli* (1962).

### ***L'attente l'oubli: tradução e desobramento (désœuvrement)***

Em *L'attente l'oubli* (1962), Blanchot arrisca uma escrita fragmentária, a qual oscila de fragmento a fragmento ou, mesmo, de linha a linha entre o ensaio e a ficção; enquanto isso, desdobra uma fina encenação de espectros múltiplos: um homem e uma mulher, escrita e escritor, pensamento e linguagem, espera e esquecimento, e, entre dobra e dobra, as reverberações de Orfeu e Eurídice. Precisamente, esse movimento de desdobramento entre imagens, os múltiplos ecos em cada palavra ou entre elas, permitem-nos exemplificar esse movimento desobrador (*désœuvrer*) da linguagem poética no exercício de tradução e nos fragmentos traduzidos.

Já em diversas passagens de seu pensamento literário, Blanchot caracterizava a obra de arte e a poesia como movimentos de desdobramento (*désœuvrement*). Em *L'Espace littéraire* caracterizou a experiência artística e a escrita como experiências desobradoras, nas quais ficamos expostos a esse movimento centrífugo ou voragem da impossibilidade da obra como totalidade, apontando a seu caráter inevitavelmente fragmentário (BLANCHOT, 1955, pp. 13, 39), o que vai denominar depois em *L'entretien infini* (1969) como ausência da obra ou do livro. Concomitantemente, a palavra poética e a experiência da escrita expõem esse “desdobramento sem fim” (BLANCHOT, 1955, p. 29), movimento inseparável da afirmação do anonimato da linguagem literária e, portanto, do im-poder ou impossibilidade do sujeito – escritor ou leitor – de conter ou limitar as possibilidades de sentido da palavra poética ou de deter esse movimento de dispersão e fragmentação da escrita, tal e qual aclara Blanchot em *L'Écriture du desastre* (BLANCHOT, 1980, p. 30).

Precisamente, esse movimento desobrador da palavra poética atravessa *L'attente l'oubli* e mantém em desdobramento e dispersão contínuas as imagens e conversas nesta ficção, fazendo-nos caracterizar nosso processo de tradução como uma experiência de escuta particular desse movimento desobrador. O que instiga uma fascinação pela escuta e pelo desvio entre as palavras, as imagens e suas variações entre as línguas. Desse modo, apresentamos a seguir nosso exercício de tradução da seleção de fragmentos de *L'attente l'oubli*, para afirmar, com Simeone, que traduzir: “só pode aumentar essa obrigação e essa vontade de escuta” (SIMEONE, 2014, p. 72)<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> No original: “la traduction est liée à ce devoir, elle le “traduit” et l’accomplit, elle n’est possible qu’à cause de ce mouvement et de cette vie dont elle s’empare” (BLANCHOT, 1960, p. 477).

<sup>3</sup> No original: “ne peut que accroître cette obligation et ce désir d’écouter” (SIMEONE, 2014, p. 72).

## Fragmento 1

### Texto em francês

Il la regardait à la dérobée. Peut-être parlait-elle, mais sur son visage nulle bienveillance à l'égard de ce qu'elle disait, nul consentement à parler, une affirmation à peine vivante, une souffrance à peine parlante.

Il aurait voulu avoir le droit de lui dire : «Cesse de parler, si tu veux que je t'entende.» Mais elle ne pouvait plus se taire à présent, même ne disant rien.

Il se rendait bien compte qu'elle avait peut-être tout oublié. Cela ne le gênait pas. Il se demandait s'il ne désirait pas s'emparer de ce qu'elle savait, plus par l'oubli que par le souvenir. Mais l'oubli ... Il lui fallait entrer, lui aussi, dans l'oubli.

### Versão em português

Ele a olhava com dissimulação. Talvez ela falasse, mas sobre seu rosto nenhuma benevolência quanto ao que dizia, nenhum consentimento para falar, uma afirmação apenas viva, um sofrimento apenas falante.

Ele teria vontade de ter o direito de lhe dizer: “Deixa de falar, se tu queres que te escute”. Mas agora ela já não podia se calar, mesmo não dizendo nada.

Ele se dava conta de que talvez ela tivesse esquecido tudo. Isto não o incomodava. Ele se perguntava se não teria vontade de apoderar-se do que ela sabia, mais pelo esquecimento do que pela lembrança. Mas o esquecimento... Obrigava-o a entrar, ele também, no esquecimento.

## Fragmento 2

### Texto em francês

«Donne-moi cela.» Il écoute cette injonction comme si elle venait de lui, s'adressant à lui. «Donne-moi cela.» Parole qui ne ressemble pas à une prière, ni vraiment à un ordre, parole neutre et blanche à laquelle il sent, non sans espoir, qu'il ne résistera pas toujours. «Donne-moi cela.»

### Versão em português

"Dê-me isso" Ele escuta esta ordem como se viesse dela, dirigindo-se a ele. "Dê-me isso." Palavra que não parece nem súplica, nem verdadeiramente uma ordem, palavra neutra e branca à qual ele sente, não sem esperança, que nem sempre resistirá. "Dê-me isso."

## Fragmento 3

### Texto em francês

Il n'est pas vrai que tu sois enfermée avec moi et que tout ce que tu ne m'as pas encore dit te sépare du dehors. Ni l'un ni l'autre, nous ne sommes ici. Seuls quelques-uns de tes mots y ont pénétré, et de loin nous les écoutons.

### Versão em português

Não é verdade que estejas fechada comigo e que tudo o que não me tens dito ainda te separe do que está lá fora. Nem um nem outro, não estamos aqui. Só algumas de tuas palavras têm penetrado ali e de longe as escutamos.

#### **Fragmento 4**

##### **Texto em francês**

Quelqu'un en moi converse avec lui-même.

Quelqu'un en moi converse avec quelqu'un. Je ne les entends pas. Pourtant, sans moi qui les sépare et sans cette séparation que je maintiens entre eux, ils ne s'entendraient pas.

##### **Versão em português**

Alguém conversa em mim consigo mesmo.

Alguém conversa em mim com alguém. Não os escuto. No entanto, sem mim que os separo e sem esta separação que mantenho entre eles, eles não se escutariam.

#### **Fragmento 5**

##### **Texto em francês**

Il lui semblait, tant il l'épiait, qu'elle reculait insensiblement et l'attirait dans son mouvement de retrait. Ils se retiraient l'un et l'autre, immobiles, laissant la place à leur immobilité. Etendus l'un contre l'autre, resserrés l'un par l'autre, et quand elle s'écarte, ressaisie; écartée, se refermant sur lui; à distance sans distance, la touchant ne le touchant pas.

##### **Versão em português**

Parecia-lhe, tanto ele a espiava, que ela recuava imperceptivelmente e o atraía no seu movimento de retirada. Eles se retiravam um e outro, imóveis, dando lugar à sua imobilidade. Deitados um contra outro, abraçados um pelo outro, e quando ela se afasta, começa de novo; distante, dobrando-se sobre ele; à distância sem distância, tocando-o sem o tocar.

#### **Fragmento 6**

##### **Texto em francês**

Quand il l'a regardée trop longtemps, il voit à sa place et se superposant à elle comme une absence de personne qu'il ne s'effraie pas d'avoir à regarder encore.

##### **Versão em português**

Quando a olhava muito tempo, ele via em seu lugar e sobrepondo-se a ela algo como uma ausência de pessoa que ele não temia ter de voltar a ver.

#### **Fragmento 7**

##### **Texto em francês**

Le calme détour de la pensée, retour d'elle-même à elle-même en l'attente.

Par l'attente, ce qui se détourne de la pensée retourne à la pensée devenue son détour.

L'attente, l'espace du détour sans digression, de l'errement sans erreur.

##### **Versão em português**

O calmo desvio do pensamento, retorno dele a si mesmo na espera.

Pela espera, o que se desvia do pensamento retorna ao pensamento transformado em seu desvio.

A espera, o espaço do desvio sem digressão, da errância sem erro.

## Fragmento 8

### Texto em francês

«Tous ces regards de vous qui ne m'ont pas regardée.» - «Toutes ces paroles que vous avez dites et qui ne m'ont pas parlé.» - «Et votre présence qui s'attarde et résiste.» - «Et vous déjà absente.»

Où était-ce? Où n'était-ce pas?

Sachant qu'elle était là, et l'ayant si parfaitement oubliée, sachant qu'elle ne pouvait être là qu'oubliée, et lui-même le sachant, l'oubliant.

«Y a-t-il encore un instant?» - «L'instant qui est entre le souvenir et l'oubli.» - «Bref instant.» - «Qui ne cesse pas.» - «Ni rappelés ni oubliés.» - «Nous souvenant de par l'oubli.»

«Pourquoi ce bonheur d'oublier?» - «Bonheur lui-même oublié.»

C'est la mort, disait-elle, l'oubli de mourir qu'est la mort. L'avenir enfin présent. «Fais en sorte que je puisse te parler.» - «Oui, maintenant parle-moi.» - «Je ne le puis pas.» - «Parle sans pouvoir.» - «Tu me demandes si tranquillement l'impossible.»

Quelle est cette douleur, cette crainte, quelle est cette lumière? L'oubli de la lumière dans la lumière.

### Versão em português

"Todos estes olhares seus que não me têm olhado." - "Todas estas palavras que tem dito e que não me têm falado." - "E sua presença que se atrasa e resiste." - "E você já ausente."

Onde estava isso? Onde não estava isso?

Sabendo que ela estava lá, e havendo-o esquecido perfeitamente, sabendo que ela só podia estar lá esquecida, e ele mesmo sabendo-o, esquecendo-o.

"Há um instante ainda?" - "O instante que está entre a recordação e o esquecimento." - "Breve instante" - "Que não cessa" - "Nem lembrados nem esquecidos" - "Recordando-nos pelo esquecimento"

"Por que esta alegria em esquecer?" - "Alegria ela mesma esquecida."

É a morte, dizia, o esquecimento de morrer que é a morte. O porvir enfim presente. "Faz de tal modo que eu possa te falar." - "Sim, agora fala para mim." - "Não posso falar" - "Fala sem poder." - "Tu me pedes tão tranquilamente o impossível"

Que dor é esta, este receio, que luz é esta? O esquecimento da luz na luz.

## Fragmento 9

### Texto em francês

Plus tard, il s'éveilla calmement, avec précaution, face à la possibilité d'avoir déjà tout oublié.

Oubliant un mot, oubliant en ce mot tous les mots.

### Versão em português

Mais tarde, ele acordou com calma, com precaução, frente à possibilidade de já ter esquecido tudo.

Esquecendo uma palavra, esquecendo nesta palavra todas as palavras.

## Fragmento 10

### Texto em francês

Dans l'attente, le temps perdu.

Attendre donne le temps, prend le temps, mais ce n'est pas le même qui est donné et qui est pris. Comme si, attendant, il ne lui manquait que le temps d'attendre.

Cette surabondance du temps qui manque, ce manque surabondant du temps.

«Est-ce que cela va durer encore longtemps?» - «Toujours, si vous le ressentez comme durée.»

Attendre ne lui laisse pas le temps d'attendre.

### Versão em português

Na espera, o tempo perdido.

Esperar doa o tempo, toma o tempo, mas não é o mesmo o que é dado e o que é tomado. Como se, esperando, só lhe faltasse o tempo de esperar.

Esta superabundância de tempo que falta, esta falta superabundante de tempo.

"Isso vai durar ainda muito tempo?" - "Sempre, se você o experimenta como duração"

Esperar não lhe dá tempo de esperar.

## Fragmento 11

### Texto em francês

«Cette présence.» - «Votre présence? La mienne?» - «On ne peut pas les distinguer aussi simplement, vous le savez bien. Ma présence est très forte pour vous, elle ne vous intéresse et ne vous retient que trop. Mais, moi, c'est parce que je ne sens presque plus votre présence qu'elle me paraît si puissante et presque invincible en son effacement.»

Il l'avait toujours pressenti : s'il attendait, c'est qu'il n'était pas seul, soustrait à sa solitude pour se disperser dans la solitude de l'attente. Toujours seul à attendre et toujours séparé de lui-même par l'attente qui ne le laissait pas seul.

L'infinie dispersion de l'attente toujours rassemblée à nouveau par l'imminence de la fin de l'attente.

### Versão em português

"Esta presença" - "Sua presença? A minha?" - "Não se pode distinguir tão simplesmente, você sabe bem. Minha presença é muito forte para você, ela só lhe interessa e retém demais. Mas é porque já quase não sinto sua presença que me parece tão potente e quase invencível no seu desaparecimento".

Ele tinha sempre pressentido isso: se esperava, é que não estava sozinho, subtraído de sua solidão para dispersar-se na solidão da espera. Sempre sozinho na espera e sempre separado de si mesmo por sua espera que não o deixava sozinho.

A infinita dispersão da espera sempre reunida de novo pela iminência do fim da espera.



## Fragmento 12

### Texto em francês

Debout contre la porte, immobile et toujours s'approchant, tandis qu'assise à l'extrémité du divan, le corps un peu détourné, étendue, renversée contre lui, glissant, et lui, la laissant glisser en arrière, lui faisant traverser, par l'étendue où elle se renverse, la part d'espace, infranchissable et déjà franchie, qui la sépare, le visage passant devant lui, alors qu'elle tombe les yeux tranquillement ouverts, comme s'ils étaient destinés à se voir, même s'il n'y a pas lieu qu'ils se regardent.

Comme il la saisit, l'entourant insensiblement telle qu'elle sera et l'attirant d'un mouvement encore inaccompli d'attrait, elle glisse, image en ce glissement, glissant en son image.

### Versão em português

Em pé contra a porta, imóvel e sempre se aproximando, enquanto senta na extremidade do divã, o corpo um pouco afastado, deitado, inclinado contra ele, deslizando, e ele, deixando-a deslizar para trás, fazendo-a atravessar, pela extensão onde se inclina, a parte do espaço, intransponível e já transposta, que a separa, o rosto passando diante dele, enquanto inclina seus olhos tranquilamente abertos, como se estivessem destinados a olhar-se, mesmo se não há lugar para se olharem.

Como ele a segura, cercando-a insensivelmente, tal e qual ela estará, e atirando-a num movimento ainda inacabado de atração, ela desliza, imagem nesse deslizamento, deslizando em sua imagem.

## Fragmento 13

### Texto em francês

«Attendez, vous finirez bien par parler.» - «L'attente ne donne pas la parole.»  
«Mais la parole répond à l'attente.»

Les mots que porte la parole que porte la voix que retient l'attente.

Dans chaque mot, non pas les mots, mais l'espace qu'apparaissant, disparaissant, ils désignent comme l'espace mouvant de leur apparition et de leur disparition.

Dans chaque mot, réponse à l'inexprimé, refus et attrait de l'inexprimé.

«Nous n'attendons plus, nous n'attendrons jamais plus.» - «C'est que nous n'avons jamais vraiment attendu.» - «Tout a donc été inutile? Tant d'efforts dissipés, tant de moments arrêtés.» - «Nous fûmes

### Versão em português

“Esperamos, terminará por falar.” - “A espera não dá a palavra.” “Mas a palavra responde à espera.”

As palavras que carregam a fala que carrega a voz que retém a espera.

Em cada palavra, não as palavras, mas o espaço que aparecendo, desaparecendo, indicam como espaço movediço de sua aparição e seu desaparecimento.

Em cada palavra, resposta ao não expressado, recusa e atração do não expressado.

“Nós já não esperamos, nós já nunca esperaremos.” - “É que nunca temos esperado verdadeiramente.” - “Portanto, tudo tem sido inútil? muitos esforços

patients et immobiles.» - «Et ne dois-je pas encore tout vous dire?» - «Il n'est pas nécessaire, maintenant, que nous parlions. Restons tranquillement à nous entendre.»

dissipados, tantos momentos detidos.” - “Nós fomos pacientes e imóveis.” - “E ainda não preciso dizer tudo para você?” - “Agora, não é necessário que falemos. Fiquemos tranquilamente à nossa escuta.”

## Fragmento 14

### Texto em francês

«Lorsque je me tiens devant toi et que je voudrais te regarder, te parler ...» - «Il la saisit et l'attire, l'attirant hors de sa Présence.» - «Lorsque je m'approche, immobile, mon pas lié à ton pas, calme, précipité...» «Elle se renverse contre lui, se retenant se laissant aller.» - «Lorsque tu vas en avant, me frayant un chemin vers toi...» - «Elle glisse, se soulevant en celle qu'il touche.» - «Lorsque nous allons et venons par la chambre et que nous regardons un instant ...» - «Elle se retient en elle, retirée hors d'elle, attendant que ce qui est arrivé arrive.» «Lorsque nous nous éloignons l'un de l'autre, et aussi de nous-mêmes, et ainsi nous rapprochons, mais loin de nous ...» - «C'est le va-et-vient de l'attente : son arrêt.» «Lorsque nous nous souvenons et que nous oublions, réunis: séparés ...» - «C'est l'immobilité de l'attente, plus mouvante que tout mouvant.» - «Mais lorsque tu dis « Viens » et que je viens dans ce lieu de l'attrait ...» - «Elle tombe, donnée au dehors, les yeux tranquillement ouverts.» - «Lorsque tu te retournes et me fais signe ...» - «Elle se détourne de tout visible et de tout invisible.» - «Se renversant et se montrant.» - «Face à face en ce calme détour.» - «Non pas ici où elle est et ici où il est, mais entre eux.» - «Entre eux, comme ce lieu avec son grand air fixe, la retenue des choses en leur état latent.»

### Versão em português

“Quando fico diante de ti e gostaria de te olhar, falar contigo...” - “Ele a segura e a atrai, atraindo-a para fora de sua Presença” - “Quando me aproximo, imóvel, meu passo ligado a teu passo, calmo, precipitado...” “Ela se inclina contra ele, detendo-se deixando-se ir” - “Quando tu vais para frente, abrindo-me um caminho em direção a ti...” - “Ela desliza, levantando-se naquela que ele toca” - “Quando vamos e voltamos pelo quarto e nos olhamos um instante...” - “Ela se retém em si, retirada fora de si, esperando que o que aconteceu sobrevenha”. “Quando nós nos afastamos um do outro, e também de nós mesmos, e assim nos aproximamos, mais além de nós...” - “É o vai-e-vem da espera: sua interrupção” - “Quando nós nos recordamos e nos esquecemos, reunidos: separados...” - “É a imobilidade da espera, mais móvel que todo o mutável.” - “Mas quando tu dizes “venha” e venho a esse lugar da atração...” - “Ela cai, doada ao fora, os olhos tranquilamente abertos” - “Quando tu te voltas e faz sinal para mim...” - “Ela se desvia de todo o visível e de todo o invisível” - “virando-se e mostrando-se” - “cara a cara neste calmo desvio” - “Não aqui onde ela está e aqui onde ele está, mas entre eles.” - “Entre eles, como este lugar com seu grande ar fixo, a reserva das coisas em seu estado latente”.

As variações sintáticas e semânticas nas traduções para o português respondem aos seguintes elementos:

Primeiramente, a ambiguidade dos pronomes: *elle, il, lui e elle*; os quais multiplicam linhas de sentido possíveis: a espera e o esquecimento, a voz e a escrita, o homem e a mulher, a linguagem e o pensamento. Esta multiplicidade de reverberações se justapõem entre si, apagando-se, proliferando e retornando entre os fragmentos traduzidos. Paralelamente, a mudança intermitente de registro entre *tu* e *vous*, modulando a intensidade da conversa, sua plasticidade ou imobilidade na composição do fragmento ou nas relações entre os fragmentos. Outro dos casos corresponde aos pronomes pessoais e indefinidos, tais como: *quelqu'un, moi, lui-même* que têm uma força sintática e semântica inevitável nos fragmentos, neste caso o deslizamento de uma voz anônima para uma voz plural, esse que torna a escrita e o espaço literário num espaço de proliferação de alteridades e de vozes em alteração.

Seguidamente, é importante indicar alguns termos próximos no francês, cuja força gráfica, fonética e semântica condicionou nossas escolhas: os termos *détour* e *retour* traduzidos ao português por *desvio* e *retorno*; assim como os termos *errement* e *erreur* traduzidos ao português por *errância* e *erro*; nem sempre mantêm a proximidade fonética, mas na composição sintática e semântica do fragmento, tentam responder à imagem da ficção em jogo. Paralelamente, nos termos *donné* e *donner* foram traduzidos ao português em ressonância por *doado* e *doar* escolha que tenta indicar a passividade dessa subjetividade sem sujeito que escreve ou conversa nas ficções de Blanchot. Finalmente, é preciso indicar a escolha de tradução da expressão *à nous entendre* por *a nossa escuta*.

Embora nosso trajeto de tradução tenha implicado traduzir diretamente do francês para o português, este percurso nos permite apontar a tradução como um exercício de escuta atenta, a fim de ouvir tanto as reverberações quanto as variações entre-línguas, mesmo o ecoar entre elas ao modo de superfícies descontínuas propagando uma variação. Assim, além de formas estáveis ou estruturas auto-referenciais; estas discontinuidades entre as línguas permitem estabelecer contrapontos inevitáveis entre as escolhas. Conforme as palavras de Simeone:

O texto é como um chamado de tradução, que provoca ele mesmo a ressonância que, em outra língua, será com frequência redução mas às vezes também gera amplificações, e que em todos os casos evoca o princípio e a execução de uma variação musical (SIMEONE, 2014, p. 70)<sup>4</sup>.

Paralelamente, este exercício de tradução e comparação permite-nos indicar, também, esse excesso inesgotável da língua que volta com cada tradução. Ali, onde, além das estruturas sedimentadas, a língua volta para alterar-se e responder ao que está por traduzir. Sobre este aspecto, nos diz Simeone que se trata de “um trabalho sobre sua própria língua, uma oportunidade dada a esta de revisar suas certezas e seus limites através da irrupção

---

<sup>4</sup> No original: “Le texte est comme en appel de traduction, qu’il suscite lui-même la résonance qui, dans l’autre langue, sera souvent réduction mais parfois aussi amplifications, et qui dans tous les cas évoque le principe et la mise en oeuvre d’une variation musicale” (SIMEONE, 2014, p. 70).

em seu espaço de obras e escrituras estrangeiras” (2014, p. 21)<sup>5</sup>. Podemos anotar, então, que traduzir implica reescrever fragmentariamente. Assim, estes fragmentos que compõem *L’attente l’oubli*, ao modo de trechos descontínuos ecoando entre si, apontam as línguas como superfícies também descontínuas, propagando series de variações que desdobram o infinito da linguagem poética e, deste modo, a tarefa sempre transbordante do tradutor literário: fascinação do escritor-tradutor e errância de sua escuta inesgotável.

## Ressonâncias de tradução

As ficções em Blanchot serão, mais do que imagens, a transformação, o deslocamento, o intermediário neutro, o interstício das imagens. Elas são precisas, e só tem figuras desenhadas na monotonia do cotidiano e do anônimo: e quando dão lugar ao encantamento, não e jamais nelas próprias, mas no vazio que as circunda, no espaço onde são colocadas sem raiz e sem fundações  
*O pensamento do exterior* - Michel Foucault

Este exercício de tradução deixa uma série de murmúrios incessantes cuja análise conceitual pode indicar-nos alguns traços possíveis da poética da tradução nos ensaios e ficções de Blanchot: o movimento desobrador da palavra poética que percorre *L’attente l’oubli*, as imagens e conversas em proliferação e dispersão entre ecos múltiplos; não apenas expõem esse hiato (*écart*) entre as línguas, suas descontinuidades e variações; mas também a alteridade da obra literária que caracteriza a experiência de tradução. Traduzir esses fragmentos implicou, assim, escutar a desobra da palavra poética e, nela, sua alteridade irreduzível. Portanto, cada fragmento traduzido não é mais que um lance, um risco, uma variação para uma escuta excedida. Consequentemente, propomos essa *fascinação da escuta* como poética da tradução a partir do processo de tradução apresentado.

Contudo, a *fascinação da escuta* é, também, uma imagem que vai e vem nos fragmentos de *L’attente l’oubli*, permitindo-nos aproximar escritor e tradutor na espera e o esquecimento dessa voz que sempre se desvia e escapa a seu ouvido. Já em *L’Entretien infini* (1969) se murmurava: “Falar não é ver”, fica então uma escuta errante que ouve “em cada palavra, todas as palavras”; voragem da linguagem afirmando a ausência da obra. A fascinação da escuta do tradutor-escritor responde a essa loucura do desobrimento (*desoeuvrement*) que é a loucura mesma da tradução (BLANCHOT, 1960, p. 479). Traduzir não é então traduzir a obra, traduzir responde e mantém o desobrimento (*désœuvrement*). A fascinação da tradução é, assim, a escuta incessante da dispersão entre as línguas, onde segundo descreve Foucault o rumo da palavra é:

<sup>5</sup> No original: "un travail sur sa propre langue, une chance donné à celle-ci de remettre en cause ses certitudes et ses limites à travers l'irruption dans son espace d'œuvres et d'écritures étrangères" (2014, p. 21).

o vazio em que vai se apagar; e na direção desse vazio ela deve ir, aceitando se desencadear no rumor, na imediata negação daquilo que ela diz, em um silêncio que não é a intimidade de um segredo, mas o puro exterior onde as palavras se desenrolam infinitamente (FOUCAULT, 2009: 224).

Contudo, indica-se também uma *tarefa ética*: manter a palavra respondendo ao impossível, ao que excede. Reiteração dessa experiência desobradora que se passa entre escritor, leitor e, nesse caso, do tradutor. O tradutor torna-se então em um anônimo e nômade, uma singularidade capaz de alterar as palavras para que reverberem alteridades possíveis e sempre potenciais. Ali, onde a conversa com outro(s) ainda é lugar de infinito: “Entre este ‘outrem’ e este ‘eu’, a distância é infinita, e, no entanto, ao mesmo tempo, outrem é para mim a presença mesma, a presença do infinito [...] presença infinitamente outra” (BLANCHOT, 2001, p. 109-110). Traduzir implica, portanto, tanto uma fascinação pela força de desobra da linguagem quanto pelo outro, pela estranheza de sua fala, enfim, pelo infinito da alteridade que transborda: “Estar frente a outrem é sempre estar na presença abrupta, sem intermediário, daquele que se volta para mim no contato infinito do desvio” (BLANCHOT, 2001, p. 114).

CASTRO, C. V. Blanchot: Translating Worklessness (*Désœuvrement*). *Olho d’água*, v. 9, n. 2, p. 11–24, 2017.

## Referências

ALMEIDA FILHO, E. Traduzir, o jogo da diferença no ÉCART em Maurice Blanchot. In: COSTA, G. L. (Org.). *No horizonte do provisório – ensaios sobre tradução e cultura*, Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. p. 25–30. Disponível em <[http://img.travessa.com.br/capitulo/7\\_LETRAS/NOVO\\_HORIZONTE\\_DO\\_PROVISORIO\\_ENSAIOS\\_SOBRE\\_TRADUCAO-9788542101829.pdf](http://img.travessa.com.br/capitulo/7_LETRAS/NOVO_HORIZONTE_DO_PROVISORIO_ENSAIOS_SOBRE_TRADUCAO-9788542101829.pdf)>. Acesso em 16 mai 2017.

BARRENTO, J. Palimpsestos imperfeitos (Que significa traduzir o cânone?). In: COSTA, G. L. (Org.). *No horizonte do provisório – ensaios sobre tradução e cultura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. p. 11–23. Disponível em <[http://img.travessa.com.br/capitulo/7\\_LETRAS/NOVO\\_HORIZONTE\\_DO\\_PROVISORIO\\_ENSAIOS\\_SOBRE\\_TRADUCAO-9788542101829.pdf](http://img.travessa.com.br/capitulo/7_LETRAS/NOVO_HORIZONTE_DO_PROVISORIO_ENSAIOS_SOBRE_TRADUCAO-9788542101829.pdf)>. Acesso em 16 mai 2017.

BLANCHOT, M. *La Part du Feu*. Paris: Gallimard, 1949.

\_\_\_\_\_. *L’Espace littéraire I*. Paris: Gallimard, 1955.

\_\_\_\_\_. Sur la traduction. *Nouvelle Revue Française - Revue mensuelle de littérature*, Paris, p. 475- 479,1960.

\_\_\_\_\_. *L'attente l'oubli*. Paris: Gallimard, 1962.

\_\_\_\_\_. Traduire. In: \_\_\_\_\_. *L'Amitié*. Paris: Gallimard, 1971. p. 69-73.

\_\_\_\_\_. *L'Écriture du désastre*. Paris: Gallimard, 1980.

\_\_\_\_\_. *A conversa infinita 1: A Palavra Plural*. Trad. Aurelio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001.

\_\_\_\_\_. *A conversa infinita 2: A experiência limite*. Trad. João Moura Junior. São Paulo: Escuta, 2007.

\_\_\_\_\_. *A conversa infinita 3: A Ausência de livro*. Trad. João Moura Junior. São Paulo: Escuta, 2010.

DERRIDA, J. *La Voix et le Phénomène*. Paris: PUF, 1998.

FOUCAULT, M. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 2001.

\_\_\_\_\_. O pensamento do exterior. In: \_\_\_\_\_. *Ditos e escritos III*. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Org. e Sel. de textos Manoel Barros da Motta. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 219–242.

LÉVINAS, E. *Sur Maurice Blanchot*. Montpellier: Fata Morgana, 1976.

SIMEONE, B. *Écrire, traduire, en métamorphose*. L'atelier infini. Paris: Éditions Verdier, 2014.

Recebido em: 18 ago. 2017.

Aceito em: 10 out. 2017.